

RECENSÃO

ENTRALGO, P. L. *La curación por la palabra en la antigüedad clásica*. Revista de Occidente. Madrid, 1958.*Diego Emanuel Pinheiro Antunes¹*

Pedro Laín Entralgo, renomado médico, historiador, ensaísta e filósofo espanhol, nasceu em 15 de fevereiro de 1908 e faleceu em 5 de junho de 2001. Sua vasta obra abrangeu principalmente a história médica e a antropologia, sendo reconhecido por sua notável contribuição para esses campos. Agraciado com o “Prêmio Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades”, em 1989, o autor deixou um legado significativo que transcende fronteiras disciplinares.

A obra intitulada *La curación por la palabra en la antigüedad clásica* apresenta uma investigação filosófica sobre o poder da palavra nas práticas curativas. Entralgo nos convida a extrair sistematicamente as lições dessas referências antigas para aplicação na modernidade, buscando contribuir, dentre outras coisas, para o desenvolvimento histórico da doutrina da psicoterapia verbal. Organizado em cinco capítulos, o livro aborda os seguintes temas: I) A Palavra Terapêutica no Épico Homérico; II) De Homero a Platão; III) A Racionalização Platônica do Encantamento; IV) A Palavra na Medicina Hipocrática; V) O Poder da Palavra em Aristóteles.

No primeiro capítulo, intitulado “A Palavra Terapêutica no Épico Homérico”, o autor explora como as obras *Ilíada* e *Odisseia* são importantes não só como exemplos de literatura, mas também como referências para entender o progresso humano ao longo daquele período. Ele examina a concepção homérica de doença e tratamento médico, com um foco particular no papel da palavra nesse contexto. O autor identifica, a partir de uma leitura detalhada dos textos épicos, quatro categorias diferentes de entender e interpretar a doença humana: como resultado de traumas, como punição, como algo influenciado pelo ambiente e como uma consequência de forças demoníacas (p. 16). Essas categorias refletem as crenças culturais e

¹ Bacharel em Odontologia pela Universidade Positivo e estudante de Filosofia pela FAJE. Pesquisa realizada como bolsista do CNPq, no período de 1/9/23 a 31/8/24, sob orientação do professor Marco Heleno Barreto, inserida no projeto de pesquisa Nihilismo e Experiência Religiosa. E-mail: odontologia.diego@gmail.com.

religiosas da época e mostram a complexidade da visão antiga sobre a origem e a natureza das doenças.

De acordo com Entralgo, as doenças eram classificadas de acordo com sua origem em traumáticas, divinas, ambientais ou demoníacas, sendo consideradas punitivas ou inexplicáveis quando têm uma causa diretamente divina (p. 21). Essa classificação está intrinsecamente ligada à concepção homérica da natureza, que, segundo Entralgo, para Homero, é composta por tudo aquilo que nasce e cresce, representando a realidade que emerge de um impulso criador (*phýsis*) (p. 25).

Dando continuidade, o texto também explora duas práticas terapêuticas que têm sido pouco estudadas: a catarse e o encantamento. Sobre a catarse, Entralgo explica que o “tratamento da peste é de natureza catártica, e a catarse tem, nesse caso, uma intenção que é ao mesmo tempo ritual e terapêutica”² (p. 38). Em seguida, o autor aborda o encantamento, citando um episódio em que Ulisses é ferido por um javali enquanto caça com os filhos de Autólico: “Se reúnem em torno dele seus companheiros de caça, enfaixam sua ferida habilmente (*dēsan*) e estancam com um encantamento (*epaoidé*) o fluxo de sangue negro (*epaio-dē*) (Od., XIX, 457)” (p. 38).

Entralgo conclui, neste capítulo, que a ação curativa do “ditado agradável” é considerada “natural” em um duplo sentido: tanto pela sua própria essência quanto pela realidade sobre a qual exerce sua influência (p. 50). Essa afirmação reforça a ideia central do capítulo sobre a importância da palavra como um elemento terapêutico essencial na tradição homérica.

No segundo capítulo, “De Homero a Platão”, Entralgo destaca a introdução do conceito de culpa como um desenvolvimento significativo na história da Antiguidade Clássica. Ele observa que, apesar de as noções homéricas de “virtude” (*areté*) e excelência pessoal (*kalokagathia*) terem continuado a ser apreciadas nos tempos de Sólon e Péricles, um profundo sentimento de culpa religiosa e moral, que era apenas ocasional e discretamente presente na *Iliada* e na *Odisseia*, começa a se expandir e a ganhar força em todo o mundo helênico, especialmente na Grécia continental (p. 54-55).

Essa cultura da culpabilidade se manifesta em três esferas distintas: a religiosa, a moral e a psicológica. Como salienta Entralgo, na “ordem religiosa, muda sensivelmente a disposição do homem diante da Divindade, e os mortais, sempre sob um profundo temor de incorrer no pecado de *hýbris* ou desmesura, sentem com maior pesar a influência que os imortais exercem sobre seu destino” (p.56). Já na esfera moral, o autor destaca que “nem mesmo a retidão da conduta pessoal exime de culpa e castigo, porque, aos olhos helênicos, a ‘mancha’ contaminante chega a ser, não apenas contagiosa, mas também hereditária” (p.57). Por fim, na esfera psicológica, Entralgo explica que “as potências psíquicas de índole ‘irracional’ e os modos de comportamento que a elas correspondem foram ganhando importância nas almas gregas” (p.58).

2 Tradução livre realizada pelo autor, neste e nos outros casos de citações literais, que assume a responsabilidade pela fidelidade ao conteúdo original.

A essa complexa rede de sentimentos e crenças somam-se as práticas terapêuticas da época. Entralgo observa que o feitiço ou encantamento (*epōidē*) foi frequentemente utilizado para tratar doenças ao longo dos séculos, desde a época do épico homérico até Platão (p. 67). Além disso, ele identifica quatro elementos principais que influenciaram a prática da *epōidē* grega nesse período: o orfismo, o culto dionisiaco, a mântica de Delfos e o prestígio religioso e mítico dos poemas de Homero e Hesíodo (p. 68).

Além dessas práticas terapêuticas, o capítulo explora a prática da medicina religiosa associada a Asclépio. Entralgo mostra que uma análise detalhada das fontes revela aspectos psicoterapêuticos nas palavras gentis de Asclépio, o Curador. A voz de Asclépio, descrita como “harmoniosa” e “serena”, muitas vezes exercia um efeito calmante sobre os doentes, e às vezes o conteúdo de suas palavras também tinha um impacto terapêutico (p. 90). Entralgo continua analisando o impacto psicológico e curativo da palavra. Ele argumenta que a palavra do ser humano é “divina e agradável” não apenas porque expressa e comunica, mas também porque persuade (p. 99).

Para ampliar essa discussão, Entralgo explora as contribuições de pensadores como Pitágoras, Empédocles, Górgias, Antífote e Demócrito. Ele aprofunda a análise sobre a evolução do *logos* e sua relação com a ação, destacando que o *logos* — entendido tanto como “palavra” quanto como “razão” — é o mais elevado e distintivo dos dons da natureza humana. Através do *logos*, o homem não só expressa a essência das coisas, mas também se destaca na sociedade e exerce poder ao convencer os outros (p. 128).

“No terceiro capítulo, intitulado “A racionalização platônica do encantamento”, Entralgo afirma que os filósofos não estudaram de maneira satisfatória a ideia platônica do ensalmo ou conjuro (*epōidē*). Ele propõe, portanto, que “um estudo deste problema a partir de um duplo ponto de vista, histórico-cultural e médico, pode ainda lançar alguma luz sobre o conhecimento da antropologia de Platão e suas ideias pessoais em relação à ação curativa do médico” (p. 156).

O termo *epōidē* pode ser aplicado de maneira ampla, não se limitando apenas ao tratamento mágico de feridas e doenças, mas também à persuasão. Para o autor, “*Epōidē*, em consequência, significa conjuro, ensalmo, encantamento ou feitiço: ‘conjuro’ quando predomina no rito uma intenção imperativa ou coativa; ‘ensalmo’ quando é a intenção impetrativa ou suplicante que prevalece” (p. 158). Segundo ele, a *epōidē* que começou sendo um conjuro ou encantamento mágico, tornou-se um raciocínio ou relato contra o erro ou contra os afetos danosos” (p.162).

Nas páginas seguintes, é discutido que a cura do corpo está profundamente conectada à cura da alma. Segundo Entralgo, Platão, através dos personagens Trácio e Sócrates, sugere que os “belos discursos” (*tous lógous eínai tous kaloús*) desempenham um papel crucial nesse processo. Esses discursos são responsáveis por cultivar a temperança (*sóphrosyne*) na alma e, uma vez estabelecida essa qualidade, torna-se mais simples buscar a saúde para a mente e o corpo. O autor sintetiza o conceito de *epōidē* terapêutica como sendo um “belo discurso”

(*lógos kalós*) que tem a capacidade de promover a temperança (*sophrosýnē*) na alma. Neste sentido, alcançar a temperança é uma condição essencial para o sucesso do processo curativo por meio do encantamento.

Ainda, neste capítulo, Entralgo apresenta a definição platônica de saúde:

A saúde anímica de um homem, condição de sua saúde somática e pressuposto necessário para a correta administração de qualquer medicamento, consiste, portanto, na boa ordem das duas partes principais de sua alma: aquela em que predomina o racional ou lógico, modificável pela ação da dialética, e aquela em que predomina o irracional ou crente, suscetível de educação ou *psykhagogía* (Fedro, 261 a-271 c) pelo encanto persuasivo da *epōidē*, o “belo discurso” ou o “mito” (p. 174).

A eficácia do discurso terapêutico médico depende da adequação do conteúdo e da forma à alma do paciente. Logo, segundo explica Entralgo, “[do] ponto de vista da ação terapêutica, o *lógos* do médico será *kalós* quando seu conteúdo e sua forma estiverem corretamente ordenados à peculiaridade e à situação da alma do paciente” (p. 176).

O autor ressalta que a saúde, para Platão, “requer que a alma possua um sistema ordenado de ‘persuasões’ ou ‘convicções’ (*peithó*) e de ‘virtudes’ intelectuais e morais (*aretai*) (Fedro, 270 b)” (p. 177). Dessa forma, Entralgo conclui que Platão se torna, indubitavelmente, o “inventor de uma psicoterapia verbal rigorosamente técnica” (p. 179). O texto também apresenta a perspectiva de Platão sobre a relação entre ensalmo e *kátharsis*, a análise dos diálogos platônicos no Fédon sobre a purificação da alma e a importância da *sōphrosýnē* para a plena saúde corporal.

Na última parte do capítulo, Entralgo destaca a importância central da purificação pela palavra na filosofia de Platão, enfatizando que a comunicação, a instrução e a persuasão são elementos essenciais na busca pela saúde integral. Segundo Platão,

o agente catártico que a “doença da alma” especificamente requer é a palavra idônea e eficaz. Impondo evidências ou infundindo persuasões, a expressão verbal de quem sabe ser ao mesmo tempo mestre e médico - “psicagogo”, diria Platão - é capaz de reordenar as almas afetadas por *ametria* e reintegrá-las ao seu verdadeiro ser. “Ninguém é perverso por sua vontade”, ensina o Timeu (86 d). O ser do homem é naturalmente émmetron, bem proporcionado, e por isso resulta sanadora a operação de “purificá-lo” daquilo que não é ele. Não parece ser outro o efeito que a *kátharsis* “pela palavra” produz na alma daqueles que a ela se submetem (p. 194).

O capítulo IV explora o tema da “Palavra na Medicina Hipocrática”. Entralgo explica que esse é o período na história grega em que surge a medicina baseada em técnicas, com um

enfoque fisiológico e científico, conhecida posteriormente como a medicina dos “hipocráticos” (p. 199). Ele inicia o capítulo examinando o conceito de *lógos* na medicina hipocrática, tanto como racionalidade quanto como expressão verbal. Segundo Entralgo, o termo *lógos* foi utilizado pelos gregos para descrever a capacidade humana de compreender a realidade e expressar, seja por meio da mente ou da fala, o que há de racional ou razoável nas coisas (p. 203).

O conceito de *lógos* na medicina hipocrática está profundamente relacionado às inovações que esta medicina trouxe para o pensamento médico da Grécia arcaica. Nesse contexto, a causa da doença deixa de ser vista como resultado de possessão, contaminação ou punição divina e passa a ser entendida como o efeito de uma ação natural que é suficientemente anômala e intensa para desestabilizar, de forma patológica, o duplo equilíbrio dinâmico necessário para a saúde: o equilíbrio interno do corpo e o equilíbrio entre o corpo e o cosmos (p. 205-206).

A evolução da prática médica na Grécia antiga reflete uma transição significativa no entendimento e abordagem da medicina. “A prática terapêutica, conseqüentemente, deixa de ser empirismo rotineiro, operação mágica ou ‘purificação’ do enfermo, e se transforma em ‘arte’ ou *tékhne*, em *tékhne iatriké*” (p. 206). Além disso, “no Corpus Hippocraticum, o *lógos* é, antes de tudo, razão e palavra expressiva; mas também é - e isso já diz respeito diretamente ao nosso tema - palavra comunicativa, dizer ao outro” (p. 215).

Na prática médica hipocrática, a comunicação desempenha um papel crucial. Na anamnese, a pergunta do médico é essencial, mas a resposta do paciente não é suficiente. “O paciente não fala de si mesmo com base na ciência, mas segundo sua opinião; de acordo com seu ‘sentir’, no sentido mais amplo deste verbo” (p. 218). A palavra do médico hipocrático pode assumir várias formas: pode ser, em alguns casos, uma “prescrição”, instruindo o paciente sobre o que fazer para tratar sua doença (ta prosperomena: Epid., I, L. II, 670); ou um “preceito”, voltado para o ensino do aprendiz de medicina (dogma: Leoo, 3, L. IV, 640; parangelia, L. IX, 250) (p. 219). O Corpus Hippocraticum valoriza tanto a colaboração do paciente quanto a do médico para a eficácia do tratamento.

O livro I das Epidemias afirma que “é necessário que o paciente colabore com o médico no combate à doença”; os Aforismos ressaltam que “não basta fazer o que é devido por si mesmo, mas também que o paciente, os assistentes e os fatores externos cooperem com isso” (p. 225-226). Neste sentido, o papel do médico hipocrático vai além do conhecimento técnico, abrangendo também qualidades éticas e comportamentais que inspiram confiança e respeito. Trata-se de uma psicoterapia “destinada a conquistar a confiança do paciente e manter em bom nível seu estado psicossomático - em termos familiares, a ‘boa moral’ de seu ânimo - como condição prévia para a eficácia do tratamento” (p. 227). Entralgo sintetiza, então, três aspectos importantes do médico hipocrático: a valorização de uma psicoterapia geral no tratamento dos pacientes, o reconhecimento da influência da vida psíquica na saúde física e o uso da palavra sugestiva como agente terapêutico (p. 228-229).

Em resumo, este capítulo sugere que os médicos hipocráticos já tinham consciência das doenças psicossomáticas: “A vida anímica altera o corpo de maneira seletiva. Portanto, as palavras também podem fazê-lo, pois ‘as coisas ouvidas são vantajosas ou aflitivas’ (Epid., VI, 8, 7; L. V, 346)” (p. 231). Contudo, é reconhecido que, embora os médicos hipocráticos tenham entendido a influência significativa da alma na saúde e na doença, eles não exploraram eficazmente a terapia psicológica.

No último capítulo, intitulado “O poder da palavra em Aristóteles”, Entralgo destaca que Aristóteles reconhecia que a palavra humana possui um poder persuasivo além da simples capacidade de convencer. Ele explica que, “além do *lógos* dialético, existe um *lógos* retórico, que é o *lógos* que a arte da retórica nos ensina a usar” (p. 245).

Entralgo sugere ainda a existência de um quarto tipo de persuasão retórica: o gênero terapêutico ou curativo. Em termos do parentesco entre a persuasão terapêutica e a persuasão deliberativa ou política, Aristóteles poderia afirmar que a medicina é uma forma de política em menor escala. Também, a saúde está entre os bens que, para Aristóteles, fazem parte do que é ‘conveniente’ (I, 6, 1362, b 14) (p. 252).

Na interação entre orador e ouvinte, ocorre uma troca mútua entre os caracteres, afetando a disposição e as paixões do ouvinte. Entralgo explica que “Aristóteles busca entender o mecanismo dessa transformação psicológica através de cinco conceitos principais: caráter (*éthos*), disposição (*diáthesis*), paixão (*páthos*), opinião (*dóxa*) e crença (*pístis*, *peithó*)” (p. 257-258). Essa análise não se restringe apenas ao campo da retórica pois, segundo Entralgo, os princípios da persuasão podem ser aplicados à psicoterapia. O tratamento médico induz no paciente novas opiniões e crenças, ao mesmo tempo que o esclarece e ilumina sobre si mesmo; a felicidade — agora na forma de saúde, uma das partes da *eudaimonia* (I, 5, 1361, b 3-7) — é o objetivo final da cura (p. 259).

Entralgo investiga o conceito de catarse trágica no pensamento de Aristóteles, observando que, embora o termo *kátharsis* tenha uma origem religiosa, seu significado evoluiu para designar a “purgação” das paixões provocada pela audição de música entusiástica e pela contemplação da tragédia (p. 268-269). Segundo o autor, “o que o espetáculo trágico por si mesmo opera e produz em quem o contempla é um prazer, e neste prazer tem seu efeito final a ‘purificação’ psicossomática em que a catarse consiste” (p. 275).

Além disso, “a catarse da qual Aristóteles nos fala em sua Poética seria, antes de mais nada, uma *catarse verbal ex auditu*, equiparável, mutatis mutandis, àquela que o orador pode produzir em seu auditório e o psicoterapeuta em seu paciente” (p. 287). A *Poética* de Aristóteles ressalta que a tragédia é essencialmente uma representação das ações humanas que provoca uma experiência de catarse. Aristóteles não fornece uma teoria do trágico, pois seria inadequado esperar dele uma visão da história humana com a mesma consciência histórica que temos hoje (p. 304).

Dentro da tragédia, “a fala dos personagens, meticulosamente e poeticamente elaborada pelo autor, desempenha duas funções: descreve a ação de maneira ordenada e permite que o público a vivencie como se fosse sua” (p. 313). Graças à *anagnórisis*, que se refere ao momento de reconhecimento e descoberta crucial para a compreensão da trama, o espectador consegue sair da sua confusão temporária e entender o que está acontecendo na cena, refletindo também sobre sua própria vida (p. 314).

Desta forma, a tragédia não apenas provoca um estado singular de medo e compaixão no espectador, mas também o conduz a uma reflexão profunda sobre a condição humana. Como afirma Entralgo, “uma ação humana esforçada, terrível, compartilhada e maravilhosa deve produzir imediatamente no espectador um estado de ânimo singular” (p. 316). Além disso, ele explica que “o estado de ânimo próprio da tragédia é descrito apenas com duas notas positivas: o temor e a compaixão. Não é dizer muito, mas talvez seja dizer o suficiente” (p. 317).

Como observa Entralgo, Aristóteles dizia que “por meio da imitação o homem adquire seus primeiros conhecimentos” (Poética, 1448, b 7); e a tragédia, conforme Êsquilo, oferece “conhecimento à custa de dor” (p. 324). Dentro desse cenário, o estado trágico que o espectador experimenta não só gera sentimentos de medo e compaixão, mas também promove uma reflexão moral e espiritual. Entralgo observa que, mesmo que esse conhecimento venha por meio da dor e da morte, ele purifica a alma da confusão e ajuda o homem a se tornar mais autônomo e consciente de si mesmo (p. 324-325).

Na tragédia, a *anagnórisis* não se trata apenas de uma revelação inexplicável, mas sim de um processo verbal que orienta o espectador da confusão para o entendimento. “Por meio da *anagnórisis*, o espectador consegue articular de forma clara e satisfatória o que ocorre na cena e dentro de sua própria alma; ele transita da confusão incompreensível para o conhecimento que pode ser verbalizado” (p. 325).

A catarse trágica, ou purificação emocional, é causada não só pelas emoções físicas, mas sobretudo pelo impacto transformador da palavra poética. “Não apenas na filosofia, mas também na tragédia, o *lógos* (a razão ou palavra) prevalece sobre o *éthos* (o caráter) e o *páthos* (as emoções)” (p. 327).

Entralgo conclui este capítulo destacando que Aristóteles atribui à palavra — ao *lógos* expresso e comunicativo — um triplo poder: convence através do raciocínio dialético, persuade através do discurso retórico, e purga e purifica através do poema trágico. A relação entre a persuasão e a catarse verbais com a medicina e a cura da doença humana é essencial, refletindo a constante preocupação grega com a ação psicológica da palavra (p. 333).

Na conclusão da obra, Entralgo destaca que, com a morte de Aristóteles, encerra-se na Grécia a especulação inicial sobre o impacto psicológico da palavra humana e, consequentemente, sobre seu potencial curativo. Ele argumenta que a filosofia estoica, com sua abordagem sobre o *lógos prophorikós* e a gestão das paixões, não acrescenta uma nova perspectiva

significativa ao que Platão e Aristóteles já haviam abordado sobre a psicagogia verbal. A verdadeira renovação nessa área só ocorrerá com o cristianismo, que introduzirá uma nova dimensão à psicoterapia verbal ao designar a pessoa divina que “se fez carne” como Logos, ou Verbo (p. 335).

Entralgo ressalta ainda que, para que a palavra tenha efeitos psicológicos e terapêuticos significativos, ela deve ser “bela” (*lógos kalós*), conforme afirmam os gregos (p. 340). Além disso, para que a palavra atinja sua máxima eficácia, especialmente na cura psicoterapêutica, é crucial estabelecer uma relação especial entre o emissor e o receptor. O ouvinte deve ter feito ao falante uma espécie de “apresentação” ou *paráskhesis* de sua alma (segundo Platão) e deve escutá-lo como se estivesse conectado a ele pelo vínculo da atenção (segundo Diocles) (p. 341).

A obra *A Cura pela Palavra na Antiguidade Clássica* oferece uma análise filosófica essencial sobre o papel terapêutico da palavra. Desde as concepções homéricas até as reflexões aristotélicas, Entralgo mostra como a palavra se tornou um instrumento vital para a cura tanto do corpo quanto da alma. A importância de valorizar esta obra nos currículos de filosofia é inegável e sua relevância pode se estender a campos como a psicologia, ciências da saúde e a linguística.

Em um tempo em que a palavra muitas vezes é desvalorizada, o trabalho de Entralgo resgata a tradição que a vê como um poderoso recurso no processo de cura e bem-estar. Reconhecer e valorizar essa perspectiva é crucial para promover a confiança e o bem-estar nas interações interpessoais e sociais contemporâneas. Por fim, como destaca o autor, “sempre a Antiguidade Clássica diz ou pode dizer algo valioso aos ouvidos do homem que a frequenta com amor” (p.345).

Texto submetido em 23/09/2024 e aprovado em 09/06/2025.

Diego Emanuel Pinheiro Antunes: Bacharel em Odontologia pela Universidade Positivo e estudante de Filosofia pela FAJE. Pesquisa realizada como bolsista do CNPq, no período de 1/9/23 a 31/8/24, sob orientação do professor Marco Heleno Barreto, inserida no projeto de pesquisa Niilismo e Experiência Religiosa. E-mail: odontologia.diego@gmail.com

Endereço: Rua Francisco Bretas Bhering, 171, Copacabana. CEP: 31.550-060

Orcid: 0009-0008-9987-3907

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Marco Heleno Barreto, Dra. Marília Murta de Almeida